

Anjos da Vida – Em busca da doação de órgãos¹

Natália Mitie HATAYAMA²
Beatrice Vergili da COSTA³
Camila Correia Monteiro da SILVA⁴
Mayara Silva Vaz de LIMA⁵
Amarildo Batista CARNICEL⁶

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, SP

RESUMO

O documentário em vídeo “Anjos da Vida – Em busca da doação de órgãos”, com duração de 28 minutos, aborda um assunto que interessa não só aos mais de 38 mil brasileiros que estão na espera por um transplante, mas também a todas as famílias - a captação de órgãos. O filme mostra como é o trabalho do Serviço de Procura de Órgãos e Tecidos (SPOT) do Hospital de Clínicas da Unicamp. Médicos e enfermeiras têm a tarefa diária de aumentar o número de transplantes por meio do aperfeiçoamento das práticas ligadas à doação. Em 2013, o SPOT foi o serviço que disponibilizou mais órgãos para o Sistema Nacional de Transplantes (SNT) no Estado de São Paulo. Enquanto os familiares dos doadores conseguem ilustrar o verdadeiro significado da generosidade, esses profissionais absorvem os sentimentos de dor e os transformam em esperança àqueles que perderam alguém.

PALAVRAS-CHAVE: captação, doação, transplante, SPOT, HC-Unicamp.

1 INTRODUÇÃO

O documentário “Anjos da vida – Em busca da doação de órgãos”, desenvolvido na disciplina Projeto Experimental, da Faculdade de Jornalismo, do Centro de Linguagem e Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, retrata o lado humano do processo de captação de órgãos e tecidos no Hospital de Clínicas da Unicamp, líder do interior paulista em número de órgãos disponibilizados para o sistema de transplantes em

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário Jornalístico em vídeo.

² Líder do grupo e recém-graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: nhmitie@gmail.com.

³ Recém-graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e estudante do 7º semestre do Curso de Letras pela Universidade Estadual de Campinas, email: beatrice.vcosta@gmail.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: camilacmonteiros@gmail.com.

⁵ Recém-graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: mayaralima@msn.com.

⁶ Orientador do trabalho. Mestre em Múltiplos Meios pela Universidade Estadual de Campinas, doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, diretor-associado da Rádio e Televisão Unicamp, pesquisador do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas e professor do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, email: amarildo@unicamp.br.

2013. O enfoque do projeto consiste em relacionar as dinâmicas intra-hospitalares dos profissionais que integram o grupo SPOT-HC (Serviço de Procura de Órgãos e Tecidos do Hospital de Clínicas da Unicamp) com as etapas envolvidas na captação e doação de órgãos.

A escolha do tema está relacionada à intenção de, a partir das entrevistas com médicos, enfermeiras e demais integrantes da equipe de captação, retratar histórias que exemplifiquem o processo e panorama da captação de órgãos na Unicamp e no Brasil. Inclusive, esse processo já é defendido por vários estudiosos da área como um dos principais responsáveis pelo aumento do número de doadores cadáveres no mundo.

A opção por trabalhar com a humanização do tema se fez necessária uma vez que o trabalho da equipe de captação é pouco reconhecido pela sociedade de modo geral. Isso é também um reflexo do enfoque que a mídia dá ao transplante, etapa final que só tem início graças a um doador de órgãos e sua família. Portanto, o recorte buscado pelo grupo focaliza os profissionais que estão no meio desse processo fundamental entre a morte e a busca e espera pela continuidade da vida.

A ideia surgiu a partir do contato com reportagens sobre o atual panorama da doação de órgãos no país e a rotina de enfermeiras que trabalham com a captação de órgãos nos principais hospitais brasileiros. A decisão de trabalhar com o gênero documentário veio ao encontro do propósito de desenvolver o tema a partir do olhar e vivência da equipe médica, trazendo famílias de doadores e personagens receptores como participantes do segundo plano da narrativa. Assim sendo, o gênero escolhido permitiu o desenvolvimento mais subjetivo do tema e uma angulação autoral.

2 OBJETIVO

O objetivo do projeto é que o documentário consiga mostrar a importância dos enfermeiros, peça fundamental durante todo o processo de captação, além de incentivar a discussão familiar a respeito da doação de órgãos. Entende-se que doação de órgãos é um assunto de saúde pública, sendo fundamental promover o esclarecimento e o debate em torno do mesmo. Não existe restrição de idade para que se possa doar órgãos e, portanto, o diálogo se torna fundamental, principalmente para desconstruir o preconceito em torno do assunto.

Quem são esses profissionais, por que decidiram trabalhar nessa atividade, como lidam com a relação vida/morte e quais são os principais desafios e recompensas da profissão. Além disso, entende-se que é necessário dar espaço à família doadora de órgãos, para que ela possa elencar os momentos mais difíceis e propor a discussão das questões que tornam a doação de órgãos um assunto tabu entre a maioria das famílias brasileiras.

3 JUSTIFICATIVA

A relevância do tema é justificada pelo fato de que o número de doadores de órgãos no Brasil ainda não atende aos mais de 38 mil brasileiros que estão na fila de espera por um transplante. O coordenador do SPOT, Luiz Antonio da Costa Sardinha, quantifica esse número relacionando-o ao fato de que cerca de 80% dos municípios brasileiros têm menos que 50 mil habitantes, ou seja, nessa lógica, pode-se afirmar que existe um município formado só por cidadãos brasileiros que estão esperando para receber um órgão para transplante.

De acordo com o Ministério da Saúde, atualmente o Brasil possui o maior sistema público de transplantes do mundo, sendo cerca de 90% dos processos financiados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) que, além do procedimento cirúrgico, fornece exames preparatórios, acompanhamento do paciente e medicamentos pós-transplantes. Até o final de 2013, a taxa de doadores efetivos era de 13,5 partes por milhão de habitantes (ppm), ainda distante do objetivo de 15 doadores ppm previsto em 2007. Para incrementar o número de transplantes, faz-se necessário aumentar a taxa de consentimento de doação de órgãos pelos familiares de pacientes que tiveram morte encefálica comprovada (CAMPOS, 2000 *apud* DA SILVA et al, 2009).

Neste contexto, o Serviço de Procura de Órgãos e Tecidos do Hospital de Clínicas (SPOT-HC) da Unicamp foi criado em 1994 sob a denominação de “Central de Captação de Órgãos”. De acordo com o coordenador Luiz Antonio da Costa Sardinha, o objetivo principal da criação da Central foi aumentar as doações de órgãos e tecidos no hospital, que, apesar do alto potencial, possuía baixo índice efetivo de notificação de doadores. Dessa forma, por meio da atuação conjunta de uma chefia médica e mais seis enfermeiras treinadas e capacitadas para desempenhar a coordenação intra-hospitalar de doação de órgãos e tecidos para transplantes, o planejamento do processo de captação do HC é realizado diariamente.

No interior paulista, o HC lidera o número de órgãos disponibilizados para o Sistema Nacional de Transplantes (SNT). Em comparação a 2012, no ano seguinte o HC da Unicamp teve um aumento superior a 50% no número de órgãos disponibilizados para o SNT. Segundo dados fornecidos pela própria equipe SPOT, o HC foi o que mais captou corações (29) e pulmões (21) no Estado em 2013. O SPOT também ofereceu ao sistema 222 rins, 90 fígados e quatro pâncreas no mesmo período, totalizando 366 doações. Em 2012, 241 órgãos foram disponibilizados ao sistema.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Na primeira etapa do projeto, o grupo teve a preocupação de selecionar e fichar a bibliografia que subsidiasse o entendimento do tema a ser abordado no documentário. Feito isso, o próximo passo consistiu em uma visita ao Hospital de Clínicas da Unicamp para apresentar o projeto ao coordenador Luiz Sardinha e conhecer de perto o trabalho da captação de órgãos do HC. A partir daí, foram levantadas todas as possíveis fontes e iniciadas as pré-entrevistas, as quais permitiram com que o grupo escolhesse os personagens definitivos e também produzisse um pré-roteiro de gravação do documentário.

Foram realizadas 11 gravações com entrevistados, além das filmagens de imagens de cobertura e da abertura do documentário. Para tanto, foram utilizadas até três câmeras, sendo uma delas a *GoPro*. Em todas as gravações, uma câmera permaneceu fixa em plano aberto no tripé e a outra teve a sua perspectiva alternada entre duas situações: o *slider* e a câmera na mão, essa última a fim de melhor capturar as expressões, emoções e linguagens gestuais durante as entrevistas. Buscou-se a sensação “da vida como ela é”, oriunda das possibilidades do Cinema Direto de 1960 e citada por Amir Labaki em sua obra “Introdução ao documentário brasileiro” (2006).

Reconhecendo a limitação cenográfica do espaço ocupado pela equipe do Serviço de Procura de Órgãos e Tecidos no HC da Unicamp, o grupo teve a preocupação de buscar alternativas mais criativas dentro do hospital, mas sempre identificando cenários que tivessem significado no processo da captação de órgãos.

Pensando no documentário como um mobilizador social que deve “além de estabelecer ligações entre os assuntos retratados e o mundo em que os espectadores estão inseridos, valorizar os indivíduos em suas potencialidades e capacidades de construção pessoal” (ZANDONADE; FAGUNES, 2003, p.44), o documentário foi escolhido como o

formato mais adequado para mostrar as histórias da captação de órgãos e tecidos no HC da Unicamp. Essa escolha está baseada em alguns motivos.

Primeiro, em relação a abordagem de conteúdo optou-se por retratar a doação de órgãos por meio de um viés pouco explorado pela grande mídia, o lado da captação. Segundo Souza (2007), enquanto a notícia aborda o que já passou, o documentário reserva a surpresa do que acontecerá. Dessa maneira, o propósito é conhecer aquilo que os “valores-notícia” não conseguiram integrar, “são informações que ficam à margem, mas que têm um papel decisivo para o enriquecimento da história a ser contada pelo documentário”.

Outro motivo, que levou o grupo a optar pelo documentário foi a forma de abordagem. Ao contrário da reportagem, o documentário permite um caráter autoral, o qual possibilita uma maior liberdade de criação em relação a estética por parte da equipe. Para Márcia Carvalho (2006), um jornalismo que não é provocativo está fadado ao esquecimento.

Hoje percebemos que falta ao jornalista ativar a sua percepção estética e a sua consciência social, sem negociação e consentimento com as instituições e com o público, em busca de uma perspectiva informativa sobre o mundo em que vivemos.

Dessa forma, o grupo pode inovar quanto à angulação das imagens, utilização de trilhas sonoras, seleção de sonoras mais subjetivas, entre outros.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

É dever do repórter “selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas” (LAGE, 2003, p.49). Com base nisso, a seleção das fontes de pesquisa se justifica pela escolha do Serviço de Procura de Órgãos e Tecidos (SPOT) do Hospital de Clínicas da Unicamp como cenário principal do documentário.

Após o término das 15 pré-entrevistas, o grupo definiu que os entrevistados deveriam ter: desenvoltura para falar; envolvimento direto com a rotina do SPOT, conhecimento técnico sobre o processo de captação e doação e histórias que retratassem humanização. Dessa forma, o grupo reduziu a lista de fontes para nove entrevistados: o coordenador do SPOT, o cirurgião responsável pela retirada dos órgãos do doador, quatro enfermeiras do SPOT, o psicólogo colaborador do SPOT, uma mãe de doador e um transplantado.

O documentário é resultado de um processo criativo, marcado por diferentes etapas de seleção que estão envolvidas no mesmo, ou seja, a elaboração de pautas do roteiro integra o seu desenvolvimento (PUCCINI, 2012). As pautas foram elaboradas logo após a realização das pré-entrevistas. Após uma reunião, estipularam-se os principais tópicos a serem abordados ao longo do documentário e quais personagens fariam sobre cada um deles.

As gravações foram realizadas nas datas e horários pré-agendados com as fontes. Enquanto uma integrante fazia as perguntas, outras verificavam a qualidade do áudio, do enquadramento e anotavam observações. Essa divisão e a organização de um pré-roteiro mostraram-se cruciais no momento da montagem do roteiro final de edição. Nos dias de gravações e também em horários extra, foram filmadas as imagens de apoio para o documentário, uma vez que a comunicação verbal não é a única que informa. Segundo Guimarães (2000), a composição visual de uma cena transmite diversos dados para o telespectador. Assim sendo, o grupo teve a preocupação em produzir e selecionar imagens de cobertura que refletissem o caráter intencional do jornalismo e colaborassem para a construção de sentido acerca do tema.

O ápice da simbologia pensada neste documentário materializa-se na abertura pensada por todo o grupo. Os elementos simbólicos que ilustram a vida da garota são os mesmos que são associados a órgãos do corpo humano que podem ser doados em caso de morte encefálica. À queda da bicicleta, coube ainda representar a morte e marcar o início do desaparecimento de cada um dos objetos que, posteriormente, são organizados numa caixa para doação. Ainda no mesmo trecho, encontra-se a metáfora da fita verde, colocada em forma de laço no cabelo e na bicicleta da menina, com a intenção de representar a doação de órgãos.

Com a consciência de que o tema é pesado e a preocupação de que o documentário não se transformasse em um coletivo de videodepoimentos, o grupo optou por trilhar todo o documentário e valorizar os sons, os ruídos do ambiente e as artes, além de inserir imagens de apoio durante as falas dos entrevistados. Pelos mesmos motivos, foram utilizados enquadramentos e temperatura de cor cinematográficos (*cinestyle*). A intenção foi trazer respiros e leveza ao conteúdo abordado.

A decisão do grupo em trabalhar com o tema de captação de órgãos também foi consciente da necessidade de combinar os conceitos da ética jornalística com os da bioética na abordagem videodocumental, uma vez que o assunto implica na exposição da vida privada de indivíduos bem como de suas histórias em momentos de fragilidade física e

psicológica. Além disso, há a preocupação com o respeito à memória dos personagens falecidos.

A Bioética surge como uma resposta democrática da sociedade frente às questões éticas levantadas pelas ciências da vida, inerentes ao desenvolvimento técnico e científico ocorrido na segunda metade do século passado. A bioética deve ser entendida como a ética aplicada à vida. Para lidar com tais questões, torna-se fundamental repensar valores e princípios sociais, conseqüentemente deve-se repensar o ser humano. Por exemplo, o que devemos considerar como vida humana? As células troncos, a morte encefálica [...] (SEGRE e COHEN, 1995, p. 55)

6 CONSIDERAÇÕES

Já no slogan, tem-se o título do documentário escrito junto com o gráfico de leitura dos batimentos cardíacos, remetendo ao tema da captação de órgãos e à morte encefálica, que é a interrupção irreversível da atividade cerebral ainda com frequência cardíaca. Quanto ao título “Anjos da Vida”, segundo as próprias enfermeiras, a busca por doadores de órgãos fez com que elas ficassem conhecidas equivocadamente como “urubuzinhos”. Elas não vão atrás de morto, mas sim em busca de pessoas em morte encefálica que possam beneficiar outras que estão morrendo. É exatamente isso que o documentário desconstrói: a associação direta do trabalho dessas enfermeiras à morte, ou seja, o previsível “Anjos da Morte” é substituído pela ideia de “Anjos da Vida”.

Desde o início do projeto, a humanização do documentário foi uma decisão unânime do grupo. Dessa forma, a escolha por um tema que envolvesse tanto a perda de entes queridos quanto a vida foi essencial para o desenvolvimento do trabalho. Outro fator fundamental foi o contato direto do grupo com a equipe do Serviço de Procura de Órgãos e Tecidos do Hospital de Clínicas da Unicamp. A abertura propiciada, desde o começo, pelo coordenador do SPOT foi o primeiro passo para a realização efetiva do projeto.

O início das entrevistas foi uma parte de extrema importância ao longo do processo de produção. O grupo reconheceu que nessa etapa não se podia deixar de lado nenhum item que pudesse comprometer a credibilidade do documentário e empobrecer a discussão do tema. Por esse motivo, o grupo insistiu na realização das pré-entrevistas de forma presencial, o que sem sombra de dúvidas contribuiu para o desenvolvimento do roteiro de perguntas.

O processo de edição também não foi fácil, talvez tenha sido o mais difícil e estressante. No entanto, cada hora de edição despertava no grupo um sentimento satisfação

por concluir mais uma etapa. Isso além da satisfação de se sentirem 100% responsáveis em transformar um material bruto num material elaborado, com significado e acima de tudo, com informação jornalística. Claro que a participação de um cinegrafista e editor à disposição do grupo foi crucial para a qualidade do produto final.

Além disso, doação de órgãos não é um assunto fácil de ser discutido nas famílias brasileiras. O grupo pode presenciar esse fato na prática quando a família de uma das integrantes assistiu a abertura do documentário e se emocionou ao ver a caçula da família interpretando. Nessa ocasião ficou ainda mais claro que falar de morte é complicado, e imaginar a morte de alguém próximo é mais difícil ainda.

Enfim, todos esses sentimentos aflorados só comprovaram a enorme carência de discussões familiares mais cotidianas a respeito da morte e da continuidade da vida. Por mais que tais assuntos estejam indiretamente presentes no dia a dia das pessoas, a doação de órgãos ainda é um assunto socialmente evitado. Milhares de brasileiros aguardam um órgão para ser transplantado e um único doador pode salvar até 10 pessoas. Ou seja, a conscientização de avisar a família sobre o desejo da doação em caso de morte encefálica é mais do que necessária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Captação de órgãos para transplante sobe 52% no HC da Unicamp em 2013. **G1 Campinas**, 19 mar. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2014/03/captacao-de-orgaos-para-transplante-cresce-52-no-hospital-de-clinicas-na-universidade-estadual-de-campinas.html>> Data de acesso: 20/08/2014.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARVALHO, Márcia. O documentário e a prática jornalística. **Revista PJ:BR**. USP. Ed. 07, 2º sem. de 2006. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios7_d.htm> Data de acesso: 05/11/2014

Centrais de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos – CNCDO's. **Sistema Nacional de Transplantes**. Última atualização: 30/07/2003. Disponível em: <<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/dsra/centrais.htm>> Data de acesso: 20/08/2014.

Diretrizes básicas para a captação de múltiplos órgãos da Associação Brasileira de Transplante de Órgãos/ [coordenação executiva Roni de Carvalho Fernandes, Wagner de Vasconcelos Soler; coordenação geral Walter Antônio Pereira]. São Paulo: ABTO, 2009. Disponível em: <<http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/pdf/livro.pdf>> Data de acesso: 28/09/2014.

DOS SANTOS, Marcelo José; MASSAROLLO Maria Cristina Komatsu . Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadáveres. **Rev Latino-AmEnferm**2005; 13(3):382-7. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n3/v13n3a13.pdf>> Data de acesso: 29/08/2014.

FERNANDES, Paulo; GARCIA, Valter. Estado atual do transplante no Brasil. **São Paulo Medical Journal**, São Paulo, vol. 128, jan 2010. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2010/v15n2/a51-52.pdf>>. Data de acesso: 19/08/2014.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2000.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (org). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 11 ed. Petrópolis: Vorazes, 2011.

LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. São Paulo: Editora Francis, 2006.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevistas e pesquisa jornalística**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Manual do núcleo de captação de órgãos: iniciando uma Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplantes: **CIHDOTT** / coordenação Luciana Carvalho Moura, Vanessa Silva e Silva. Barueri, SP : Minha Editora, 2014.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinitivo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus, 2005.

PUCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção**. Campinas: Papyrus, 2012.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal...o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SADALA, Maria Lúcia Araújo. **Doação de órgãos: A experiência de enfermeiras, médicos e familiares de doares**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SEGRE, Marco; COHEN, Claudio. **Bioética**. 3ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SILVA, Alzi Ferreira da; GUIMARÃES, Tatiane da Silva; NOGUEIRA, Gisele Puerta. A atuação do enfermeiro na captação de órgãos. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**. Ano VII, n°19, jan/mar 2009. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/viewFile/336/158> Data de acesso: 02/09/2014.

SOUZA, Gustavo. Aproximações e divergências entre documentário e jornalismo. **Caligrama**, São Paulo, USP, vol.3, n.1.2007. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/06/artigo_gustavo_souza.pdf>. Data de acesso: 08/09/2014.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>> Data de acesso: 08/09/2014.